

**A LITERATURA
DE CORDEL NO NORDESTE
DO BRASIL: DA HISTÓRIA
ESCRITA AO
RELATO ORAL**

CAVIGNAC, Julie. *A literatura de cordel no nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral*. Natal: Ed. da UFRN, 2006, 363 p.

A editora da UFRN traz agora ao público os resultados da pesquisa de doutoramento de Julie Cavignac, acerca do gênero literário designado cordel. Em 1986, Julie migrou de Bourdeaux, na França, para o Rio Grande do Norte. Em 1988, já se encontrava transitando no interior do Estado em busca de seu material de pesquisa. Em 1994, defendeu no Laboratório de Etnologia e de Sociologia Comparativa da Universidade de Nanterre, a Paris X, sua tese de doutoramento. Em 1997, seu trabalho foi publicado na forma de livro na França e, após tradução, foi novamente relançado, agora no Brasil. Pode-se considerar sua obra um grande presente para a Antropologia e, principalmente, uma contribuição magnífica para os estudos do Nordeste brasileiro.

Julie Cavignac, abordando essa forma de linguagem, referida por Jaques Galinier como “gênero literário atípico”, começou a levantar, em sua longa experiência de campo, um fenômeno muito mais amplo que o até então considerado pelos estudiosos do cordel, mostrando que, muito além de literatura e de uma forma escrita e oral, essa linguagem traz à tona a cultura e a visão de mundo de um povo. Essas “expressões populares”, que na realidade representam impressões de vida, recheadas de poesia, biografias, histórias factuais, símbolos e

mitos, referem-se, como colocou Geertz (1979), à dupla condição de um modelo *de* sociedade e *para* sociedades, servindo para simbolizar a cultura naquele dado momento.

Terra representativa de áreas de maior incidência de seca, pobreza, analfabetismo e alta mortalidade infantil, ao mesmo tempo rica de expressões simbólicas da cultura local e do modo de abordar essa dura realidade, o Rio Grande do Norte foi escolhido como recorte representativo de todo o Nordeste brasileiro. A autora enfocou seus estudos no sertão, nas regiões do Seridó e no oeste do Estado, desenvolvendo sua argumentação em momentos distintos e complementares, formados pela introdução, por quatro capítulos e pela conclusão.

Considerar conjuntamente o texto e seu contexto foi o grande desafio encontrado pela autora. A introdução apresenta essa proposta, visando uma descrição eficiente dos aspectos tradicionais da vida no sertão nordestino. Poucos autores analisaram o cordel como folheto inserido no contexto sociocultural. Assim a autora adentrou o sertão buscando sua carga cultural e simbólica expressa nessa forma de linguagem. Acompanhar o desenvolvimento de suas idéias, a forma como a comunidade estudada se envolve e se revela torna-se um exercício, não apenas estimulante, mas emocionante. O estudo não interessa pela literatura de cordel propriamente dita, mas, sim, como ela age na sociedade, educa, transmite valores e tradições, impõe regras, inventa e reinventa suas histórias. Em seu relato etnográfico, a autora considera inúmeras outras formas de escrita da tradição oral, analisa os discursos, as explicações de mundo, a encenação dos valores comunitários, a lógica e a dinâmica da cultura.

No estreito relacionamento da sociedade estudada com esse “papel que fala”, revela-se a realidade sociocultural do nordeste brasileiro. Outra função importante observada relaciona-se à memória, às lembranças dos textos de cordel, à apropriação e reapropriação para a construção de um presente, ressemantizado a partir de um passado muito ou pouco glorioso. Ao recontar o cordel, os autores dos textos os atualizam, os inserem em uma condição mais “moderna”.

O primeiro capítulo, *Poeiras do Saber*, dedica-se a localizar espacialmente a região retratada e, a partir de suas características próprias, tentar entender essa cultura, num lugar pontuado inicialmente como abrigo de inúmeras populações indígenas, às quais se juntaram os negros que fugiam do sistema de opressão da escravidão e lugar de passagem de neo-exploradores portugueses e holandeses, forasteiros e aventureiros, que desbravaram os sertões e ali se fixaram. Assim, a região compõe-se de uma colcha de retalhos de culturas, povos, idéias e saberes, que se misturaram à aridez, à falta de recursos e à escassez de bens naturais. Julie Cavignac levantou uma vasta bibliografia acerca do desbravamento dessa região e chamou a atenção para os aventureiros que migraram, em meados de 1800, descrevendo tudo que encontravam, principalmente trazendo à tona, já naquela época, o exotismo daquele povo quanto à forma de se relacionar com a miséria adaptando-se a ela. Para essa análise, discute obras de Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e vários outros estudiosos que procuraram entender o sertanejo: “por estar submetido à natureza e aos seus riscos, ele se confunde com a paisagem, sua alma reflete a alma do sertão” (p.55).

“Histórias de Poetas” constitui o segundo capítulo do livro. A autora faz sua exposição, não cabendo qualquer crítica metodológica ou ao conteúdo, uma vez que todos os cuidados foram tomados no devido tratamento das informações. A literatura de cordel propriamente dita foi levantada quanto à sua forma e função até hoje delineadas. A impressão em papel de má qualidade, a distribuição pelas cidades, tanto no sertão como no litoral, nas feiras e na rua, a idéia de texto sem dono, a questão da veracidade e inúmeros outros aspectos foram observados. Destaca-se a transmissão das histórias através dos tempos e o fato de ser uma literatura que já era destinada ao povo e vendida nas ruas da Itália, França, de grande parte da Península Ibérica, desde o fim do século XVI, chamada de “romances de cegos”, e que chegou à América Latina conduzindo até hoje histórias como as de Carlos Magno e outros reis, histórias de reinos e princesas, mártires e glórias.

O sertão se mostra como centro de produção desse fenômeno social e fonte de inspiração para seus poetas. A distribuição fica destinada aos eventos sociais como festas, sobretudo as religiosas, e nesses locais são observadas outras formas de linguagens, também populares, com semelhantes características, que são as novenas, os cantos religiosos, os ternos, as ladainhas, os benditos, versões cantadas da criação e improvisação popular. A arte de ser poeta no sertão, muitas vezes considerada como um talento sobrenatural, envolve poder de memorização, rapidez de pensamento, capacidade de improvisação, oratória e, quase sempre, um conflitante real, um outro poeta que estimula as respostas pela mesma via da oralidade. Assim, mais do que a escrita do cordel, o que interessa é a sua transmissão entre o povo. A arte da fala está associada à arte da escrita. Entende-se que esses atores gozam de posição privilegiada no seio da sociedade por serem capazes de idéias e raciocínios “sagrados”.

Posicionando-se entre o rito e o espetáculo, o cordel e as cantorias vão seguindo na arte principal de traduzir o modo de vida do sertão. Assim a poesia popular ainda envolve outros tipos de manifestação que a autora vai descrevendo minuciosamente. Ela fala de variantes como a embolada, “parente pobre da cantoria”, e o coco-cantado, “filho maldito do cordel”. Isso para defender que esses gêneros estão fora do âmbito do folclore, por estarem longe de serem anônimos. Mesmo que uma pequena parte desses escritos e dos cantos seja empréstimo readaptado de outros autores e, assim, venha sem autor ou com pseudônimos, essa literatura pertence, antes de tudo, ao povo, que o decora, recita, transmite aos filhos e os recria cotidianamente. Apesar da anunciada morte do folheto com o advento do rádio, da televisão, com a elevação dos custos de impressão e tantos outros problemas da atualidade, a autora notou em seu levantamento que se mantém viva a tradição de contar e recontar os contos, assim dando aos pesquisadores e à sociedade tempo para se movimentar na tarefa de facilitadores da manutenção dessa tradição.

No terceiro capítulo, *Imagens do Sertão* descreve os inúmeros agentes da história no sertão que vai desde o trabalhador da terra, camponês, vaqueiro, boiadeiro, matuto, até o proprietário das maiores terras, fazendeiros, designados de coronéis, juntamente com outros personagens de sua confiança, os cangaceiros que eram os camponeses sem terra que recebiam abrigo em troca de um lugar seguro. Muitas vezes esse contingente era formado de migrantes, escravos libertos, desertores, ladrões e assassinos. Além desses, ainda se encontram os comerciantes nas vilas e cidades, e um sem número de artesões, pequenos proprietários e camponeses sem terra a vagar nas feiras. Todos esses, dispersos nos espaços, são alcançados pelos folheteiros e livreiros, que lhes vendem a oportunidade de saber das últimas novidades ou um pouco de sonho.

O quarto capítulo, *Vidas Santas e Santificações* retrata a forte religiosidade, os mitos, os reinos encantados, as almas errantes, o mundo sobrenatural interferindo no contexto do cotidiano. A isso ainda se juntam as práticas religiosas curativas, mágicas, as figuras das parteiras, benzedeiros, raizeiros, curandeiros seres e mundos supranaturais que habitam o sertão. Os locais sagrados, lugares encantados e que posteriormente se tornaram pontos de famosas romarias também se integram nesse contexto. Essas referências, que nos folhetos aparecem como ficções, constituem realidades que aparecem o tempo todo nos discursos do cotidiano. Materializaram-se nas aparições a pessoas, em pontos geográficos específicos como os lugares montanhosos, pedregosos, desabitados e não cultiváveis, carregados de mistérios e aparições, consideradas reais, visíveis e passivas de comunicação. Nesses locais, segundo seus habitantes, existe a possibilidade de se ouvir sons musicais, rugidos, assovios e fenômenos como as boas e más aparições de pessoas que já morreram, de belas jovens, princesas, monstros e diabos, fantasmas, almas penadas e errantes e almas protetoras. Todos se juntam nos relatos do cotidiano, indo além dos relatos dos folhetos.

A autora analisa como, desde a catequização dos índios brasileiros por jesuítas, e depois pelos franciscanos

(capuchinhos), a preocupação maior sempre foi mostrar aos catequizados que seus costumes bárbaros deveriam ser abolidos e substituídos por uma doutrina cristã. A religião foi pregada baseada no temor ao diabo, no castigo divino, no medo de represálias divinas, na doutrinação da população quanto aos pecados capitais e, assim, o catecismo foi se apoiando na imagem e na vida exemplar dos santos. Mas percebe-se que as mensagens religiosas, sobretudo a franciscana, foram reinterpretadas de diversas formas. Reconhecidos oficialmente ou não, todos os santos nordestinos gozam do privilégio de serem santificados pelo povo. Protegidos pelo teto de um altar, de uma igreja ou enterrados nos cemitérios, errantes ou sem uma morada fixa, todos estão ligados diretamente ao sofrimento que passaram em vida e na morte. Assim, por reconhecerem o sofrimento de seus fiéis, esses santos resolvem os problemas.

O que mais importou à autora foi mostrar como a mensagem missionária foi interpretada, adaptada e ritualizada no sertão. A partir disso, pôde-se explicar a criação das inúmeras versões locais para a história original e, passando pelos folhetos, essas histórias foram adentrando o Nordeste, construindo novos locais sagrados, novos sonhos, aparições e novos santos. Os folhetos aparecem, portanto, como disseminadores de sermões, conselhos e profecias e, mais uma vez, formadores de novas versões da cultura. Por fim, as profecias e o anúncio de um apocalipse são conseqüências do desregramento, da falta de respeito e responsabilidade para com os ensinamentos cósmicos, vêm lembrar que as desordens humanas são as principais causas das doenças e da morte em sofrimento. Pelo mesmo caminho seguem as ações de efeito curativo, o uso da natureza em favor do homem e dos animais. A autora relata minuciosamente os dois lados apresentados na linguagem dos folhetos e mostra como o corpus tem a capacidade de ser, quando não um substituto, pelo menos um excelente auxiliar das escrituras sagradas no interior do sertão. Assim, um círculo poderoso, observado em torno dos fatos culturais, segue construindo a própria cultura do lugar.

Como conclusão, Julie Cavnac propõe “repensar a narrativa e a oralidade”. Ela ressalta que “narrativas formalizadas e organizadas em torno de constantes próprias à cultura sertaneja põem em cena um passado próximo e revelam uma realidade social determinada”. Assim as narrativas expõem claramente os comportamentos femininos e masculinos, a divisão sexual do trabalho, os valores centrais da cultura, a noção de felicidade entre pobres e ricos. Ainda, essas narrativas, mesmo que distantes da realidade, trazem fortemente a lógica baseada no comportamento narrativo. Os personagens reintegram a ordem social numa realidade que, ao contrário, aparece carregada de contingências e de caos. O ideal familiar contra a realidade cotidiana é outro ponto a ser ressaltado das narrativas, assim como as referências à natureza e ao relacionamento com o divino. Dessa forma, a religião não se apresenta como um dogma, mas reflete uma cosmogonia particular, baseada na necessidade de um mundo harmonioso. Tudo visa controlar o mal e recuperar o bem.

Essas narrativas ganham vida na voz e na oralidade. A autora diz que o cordel e sua expressão oral não chegam a corresponder a um gênero literário claramente determinado. Formando mais do que uma literatura popular, ficam no meio do caminho entre poesia, conto, lenda e mito. Terreno fértil para que se analise uma sociedade, essa literatura oral confunde mitologia e folclore. Perversão da linguagem para uns e discurso verdadeiro para quem a elabora e consome. Indo desde a explicação da formação da humanidade até a relato dos acontecimentos históricos, ditando as normas e regras sociais por meio de ficções atemporais, essa forma de linguagem é, antes de tudo, eficiente em cumprir seu papel social. A autora, partindo da coleta da memória dos folhetos, procura analisá-los, não apenas como pertencentes à tradição oral ou como figuras de linguagem, mas como refletores da cultura.

O processo do texto narrativo faz com que o público, a quem a história é dirigida, participe dela, intervenha no seu desenrolar, não se colocando de forma passiva a ouvir, mas corrigindo os erros, reelaborando as interpretações, pro-

duzindo uma variedade de novas versões. Pela voz do recitante, que se coloca como intérprete, o texto original poderá ser modificado por um novo vocabulário e de acordo com as circunstâncias do momento. Assim, tanto o texto escrito como o oral permitem uma comparação e, diante dessa constatação, a autora defende que sua interpretação precisa ser feita por um método único. Autores defendem que a oposição entre a escrita e a oralidade se baseia na fixação e na formalização que a história recebe quando transita para a escrita. O estilo “formulário” desaparece e a linguagem falada se transforma em linguagem escrita, mas a autora mostrou que isso não ocorre no cordel. A multiplicidade de versões idênticas e adaptadas, por sucessivas reedições, faz com que os poetas migrem ao infinito na forma de relatar a história. Assim, a maior questão está ligada em saber se os textos escritos podem e devem ser comparados com os textos orais.

Portanto, estudar os textos escritos e orais por meio dos estudos da memória significa entender como a cultura se transmite. Os textos são o resultado do estudo de uma sociedade, ao mesmo tempo simples e complexa, campo fértil da antropologia. No desenrolar da cultura, fica claro que todos os elementos caminham para serem encaixados no sentido de um entendimento final ideal. Assim Julie Cavnac termina seus relatos e conclusões percebendo que “pobres, resignados, submetidos à errância e à servidão, os sertanejos não reivindicam qualquer direito civil, mas apelam às forças sobrenaturais para resolverem seus problemas e se referem a uma ordem moral superior indiferente às contingências humanas”. Tudo isso fica explicitado pela análise de centenas de papéis recolhidos no Nordeste e por centenas de horas ouvindo o povo e os cantadores dessa região.

Para que não fique apenas no relato, ocorreu-me a idéia, durante a leitura, a necessidade de se levantar um importante paralelo que não foi trabalhado, referente a uma outra forma de linguagem que aparece no Nordeste, sobretudo nas capas dos folhetos, e que se estende e se espalha por toda a região, que é a xilogravura, a ilustração inicial das his-

tórias. Esse elemento traz uma figuração, um tanto caricaturizada daquilo que está contado no livreto. Isso leva a indagar se os desenhos também passam pelo mesmo caminho da reelaboração e da reinterpretação. Também um outro paralelo que surgiu tem a ver com o suporte e sua função enquanto disseminador de uma idéia em um determinado momento pontual. Será que esses folhetos têm a mesma função das atuais manifestações de pixadores, tão estudados atualmente na antropologia urbana, onde cada suporte serve apenas para espalhar uma notícia e logo a seguir a mesma perde seu sentido? Não pode o folheto escrito ser o disseminador de notícias e em seguida perder o espaço para um próximo relato, reelaborado no sentido de devolver a resposta? Assim, da mesma forma que os cantadores jogam seus versos e esperam pela rapidez da resposta do colega, cada folheto teria como mais uma de suas funções o diálogo com outros poetas. No entanto, essas indagações não passam de divagações que não desmerecem ou desqualificam o trabalho analisado, constituindo apenas elementos de aproximação do tema, passíveis de outras análises futuras.

Fernanda Elisa Costa P. e Resende
Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural pela Universidade Católica
de Goiás (UCG) e MBA em Gestão de Marketing pela Universo.
Pesquisadora da UCG desde 1986 e no IGPA desde 2002.